

OS NEGROS E A EDUCAÇÃO: UMA LUTA CONSTANTE

Ana Laura R. Mendes, Bruna Pereira Alves¹

Resumo: O presente artigo tem por objetivo trazer uma parte da difícil história dos negros no Brasil. Visa mostrar que os negros viam na educação o caminho para acabar com o preconceito, para terem acesso a seus direitos, serem reconhecidos e respeitados. Traz a questão da exclusão dos negros da escola, a luta por seus direitos, a história da frente Negra Brasileira e a e sua relação com a educação.

Palavras chaves: Escravidão; educação; exclusão educacional; Frente Negra.

NEGROS E EDUCAÇÃO

Durante o período de monarquia imperial (1822-1889) ocorreu um crescente apelo para a necessidade de instruir e civilizar a população. Esta era a condição para a edificação de uma nova nação. Contudo, os escravizados eram legalmente proibidos de freqüentarem as escolas do império. O regulamento de 22 de Agosto de 1887 da província do Estado de São Paulo, no artigo 143, § 5, não admitia a matrícula de escravos, salvo nos cursos noturnos e com a autorização de seus senhores. (MACHADO, 2009, p.19 S/R). Como se pode notar no artigo 143:

Art. 143 Não serão admittidos a matricula nas escolas de primeira cathegoria:

¹ Discentes do curso de pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie - SP

§1º As meninas nas do sexo masculino e os meninos nas do sexo feminino, salvo quando se tratar de escolas mixtas ou de professores ambulantes. (Arts. 36, 41 e 42).

§2º Os menores de cinco annos, ficando ao prudente arbítrio dos professores determinar a idade até a qual seja licito ao alumno frequentar-as sem quebra da disciplina, nunca porém além de dezesseis annos, salvo tratando-se de escolas em que sej apermitida a concurrencia de ambos os sexos, das quaes serõa eliminados os meninos logo que attingirem a idade de dez annos.

§3º Os que padecem de moléstia contagiosa.

§4º Os alumnos que por incorrigíveis houverem sido expulsos de escola publica.

§5º Os escravos, salvo nos cursos nocturnos e com consentimento dos senhores.

Em Machado, encontra-se uma interessante reflexão a respeito da dificuldade, imposta pela legislação e pelo cotidiano, aos negros no acesso a escolarização:

A legislação oficial não dava condições dignas de acesso, permanência e aprendizagem nas escolas (dificuldade econômica em adquirir o traje e materiais escolares, abandono da escola para contribuir com o sustento da família), a ausência de políticas, somava-se o difícil cotidiano de opressão social no convívio diário e nas escolas, que contribuíam para o afastamento de grande parcela da população negra do processo de escolarização no sistema estatal de ensino da República Velha. (2009, p.39 S/R)

A abolição da escravatura (1888) e a proclamação da república (1889), não garantiram aos negros o acesso à educação, como podemos observar em Louro:

Para a população de origem africana, a escravidão significava uma negação do acesso a qualquer forma de escolarização. A educação das crianças negras se dava na violência do trabalho e nas formas de luta pela sobrevivência. As sucessivas leis que foram lentamente afrouxando os laços do escravismo, não trouxeram como consequência direta ou imediata oportunidades de ensino para os negros. São registradas como de caráter excepcional e de cunho filantrópico as iniciativas que propunham a aceitação de crianças negras em escolas ou classes isoladas – o que vai ocorrer no final do século [XIX] (2007, p.445)

Além do impedimento legal do acesso do negro à escola, o cotidiano também dificultava o acesso, eles eram vítimas de preconceito, muitos pais de alunos brancos não queriam que seus filhos estudassem com alunos negros, acreditavam que os negros eram portadores de doenças contagiosas. No início do século XX, a filha do ator

Procópio Ferreira foi impedida de se matricular no Colégio Sion, nessa época os colégios não aceitavam alunos negros independente da classe social.

As décadas de 20 e 30 do século XX foram marcadas pelos ideais eugenistas, de embranquecimento ao mesmo tempo em que se pregava o mito da democracia racial, segundo o qual as diferentes etnias convivem na mais perfeita harmonia. Contudo a história mostra que os negros não eram passivos diante da exclusão a eles imposta. Através de movimentos, os negros lutavam pela educação que lhes deveria ser garantida pelo estado, mas não era.

FRENTE NEGRA BRASILEIRA

Os negros perceberam que para tentar alcançar a igualdade, para não serem mais considerados como a raça inferior, deveriam se unir para lutar por seus direitos, por meio de reivindicações, em busca de conseguir o respeito, dignidade, terras, emprego, educação, reconhecimento. A educação era vista como fundamental para eles, pois acreditavam que a educação era o caminho para resolver os problemas dos negros, que a partir dela eles seriam mais respeitados, conseguiriam arrumar emprego, ajudaria no combate ao preconceito, seriam reconhecidos.

A grande maioria da população negra era analfabeta, no final do século XIX, início do século XX havia muitas escolas em São Paulo, públicas, particulares, religiosas, escolas onde os negros não eram aceitos, independente de sua classe social. A partir dessa época algumas escolas específicas foram criadas pelos negros, mas por serem precárias (tanto no aspecto financeiro quanto no pedagógico), muitas escolas não funcionavam por muito tempo e eram fechadas.

A população negra criou diversas associações para o benefício de seu povo. Segundo a tese “população negra e escolarização na cidade de São Paulo nas décadas de 1920 e 1930”, de Carlos Eduardo Dias Machado, “a comunidade negra criou 85 associações na cidade de São Paulo, sendo 25 dançantes, beneficentes, 4 cívicas, 14 esportivas, 21 grêmios recreativos, dramáticos e literários, além de 12 cordões carnavalescos.” (2009, p.95)

O Centro Cívico Palmares (1926-1929), foi uma associação, fundada por Antônio Carlos, que desenvolveu uma escola com certa estrutura pedagógica, que funcionava nos períodos diurno e noturno, onde era mantido um curso de alfabetização, possuíam aulas de gramática, aritmética, geometria, história e geografia, prendas domésticas (para as mulheres), entre outras matérias. Havia um corpo docente. Lá havia uma biblioteca e promoviam palestras culturais regularmente de conscientização racial. Segundo Machado (2009), provavelmente era mantido no CCP um curso de preparação para o ingresso ao ensino superior. O CCP foi o precursor da frente negra brasileira, pois após ser extinto seus ex-integrantes levaram seus ideais em frente e criaram a Frente Negra Brasileira.

A Frente Negra Brasileira foi criada em 16 de setembro de 1931, tendo como presidente Arlindo Veiga dos Santos. Em 1934, o presidente da Frente pediu afastamento e em seu lugar entrou Justiniano Costa, que até então era tesoureiro. A frente Negra fundou escolas de alfabetização e cursos profissionalizantes, além de “apresentar candidato próprio a Assembléia Nacional Constituinte convocada por Getúlio Vargas”.

A FNB foi criada num cenário afetado pela primeira grande guerra mundial, a queda da bolsa de valores em 1929, que afetou o Brasil diretamente, pois os Estados Unidos compravam grande quantidade de café aqui produzido. A ascensão de Vargas ao poder foi vista por este movimento como uma mudança política favorável à conquista de seus direitos, já que a Primeira República foi marcada pela exclusão dos negros. Ocorreu também a revolução constitucionalista de 1932.

Em 1936 a FNB era formada por mais de 60 delegações espalhadas por várias partes do país, entre elas no interior de São Paulo, segundo o jornal A Voz da Raça de setembro de 1936, na primeira página. Diversas pessoas se associaram a FNB, em sua maioria eram pessoas de origem humilde, eles possuíam uma carteirinha de associados. Sua sede foi em um pequeno escritório no Palacete Santa Helena e com o grande aumento de adesões logo sua sede passou a ser na Rua Liberdade, 196, no centro de São Paulo, em casarão que oferecia várias atividades a seus sócios (como salão de beleza, salão para jogos, entre outras).

A associação frentenegrina possuía vários símbolos identitários como bandeira, carteira de associados, hino. Também possuía um batalhão paramilitar formado, principalmente, por jovens. Segundo Domingues, as mulheres também participavam ativamente na organização e a FNB criou diversos departamentos:

As mulheres também foram protagonistas dessa história, assumindo diversas funções na organização. A Cruzada Feminina congregava as negras para empreender trabalhos assistencialistas. Outra comissão feminina, denominada Rosas Negras, organizava bailes e festivais artísticos. Para desenvolver os projetos específicos, a FNB criou vários departamentos: o Jurídico-Social, o Médico (ou de Saúde), o de Imprensa, que era o responsável pela publicação do jornal *AVoz da Raça*; o de Publicidade (ou de Propaganda), o Dramático (ou Artístico), o Musical, o Esportivo e o de Instrução. (2008, p.7)

A FNB foi de extrema importância para a história de luta e desafios dos negros do Brasil. O Jornal *A Voz da Raça* (1933-1937) foi criado no governo provisório de Getúlio Vargas (1930-1934) e era o órgão oficial de comunicação da Frente Negra. *A Voz da Raça* é publicado até o golpe de Estado de GV, em 1937.

A FNB é extinta em 1937 com o golpe de GV, quando o parlamento e os partidos políticos foram obrigados a ser fechados.

A FNB E A EDUCAÇÃO

Como já foi dito no presente artigo, o negro via na educação o caminho para sua aceitação, seu reconhecimento, sua valorização. Para a FNB a educação era um aspecto primordial que deveria ser alcançado.

Muitas pessoas tinham o preconceito e a idéia de que o negro não era capaz de bem sucedido na vida escolar, o que vai contestado na medida em que foi surgindo uma camada intelectual de negros que dominavam a cultura e passaram a ocupar lugares que antes exclusivos dos homens brancos.

A FNB tinha uma eficiente articulação política. Criou um Departamento de Instrução e Cultura, a sua direção era feita por José Maria de Assis Pinheiro, em 1933, passou a ser dirigido por Aristides de Assis Negreiro e depois por Francisco Lucrecio. Em 1932 o departamento criou um curso de alfabetização para jovens e adultos na sede da FNB. A FNB criou escola primaria para as crianças negras.

O jornal *A Voz da Raça* diversas vezes publicava matérias sobre a educação e matérias de incentivo para as famílias colocarem seus filhos na escola e para que eles também fossem à escola, para que aproveitassem a oportunidade que lhes estavam sendo dada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ensinar ao negro a ler e escrever, e até mesmo uma profissão, a FNB espera em longo prazo estabelecer as condições necessárias para a transformação de sua realidade social. Ela toma para si um papel que deveria ser do Estado. No entanto, com sua atitude, ela denuncia a condição marginal dos negros nos anos 30, ao mesmo tempo em que expõe e coloca em cheque a chamada “democracia racial”. Rompe, desta maneira, com a situação de acomodação reinante entre negros e brancos que naquele momento tiveram que “negociar” suas diferenças.

ANEXOS

ESTATUTO DA FRENTE NEGRA BRASILEIRA

“ Art. 1º - Fica fundada nesta cidade de São Paulo, para se irradiar para todo o Brasil, a Frente Negra Brasileira, união política e social da Gente Negra Nacional, para a afirmação dos direitos históricos da mesma, em virtude da sua atividade material e moral no passado, e para a reivindicação de seus direitos sociais e políticos, atuais, na Comunhão Brasileira.

Art. 2º - Podem pertencer à Frente Negra Brasileira todos os membros da Gente Negra Brasileira de ambos os sexos, uma vez capazes, segundo a lei básica nacional.

Art. 3º - A Frente Negra Brasileira, como força social, visa à elevação moral, intelectual, artística, técnica, profissional e física; assistência, proteção e defesa social, jurídica, econômica e do trabalho da Gente Negra.

Par. Único – Para a execução do art. 3º, criará cooperativas econômicas, escolas técnicas e de ciências e artes, e campos de esportes dentro de uma finalidade rigorosamente brasileira.

Art. 4º - Como força política organizada, a Frente Negra Brasileira, para mais perfeitamente alcançar os seus fins sociais, pleiteará, dentro da ordem legal instituída no Brasil, os cargos

eletivos de representação da Gente Negra Brasileira, efetivando a sua ação político-social em sentido rigorosamente brasileiro.

Art. 5º - Todos os meios legais de organização necessários à consecução dos fins da Frente Negra Brasileira serão distribuídos em tantos departamentos de ação quanto forem precisos, constando de regulamento especial.

Art. 6º - A Frente Negra Brasileira é dirigida por um Grande Conselho, soberano e responsável, constando de 20 membros, estabelecendo-se dentro dele o Chefe e o Secretário, sendo outros cargos necessários preenchidos a critério do Presidente. Este Conselho é ajudado em sua gestão pelo Conselho Auxiliar, formado pelos cabos distritais da Capital.

Art. 7º - O Presidente da Frente Negra Brasileira é a máxima autoridade e o supremo representante da Frente Negra Brasileira, e sua ação se limita pelos princípios que a orientam.

Art. 8º - A Frente Negra Brasileira representa-se ativa e passivamente, judicial e extrajudicialmente pelo Grande Conselho, na pessoa do Presidente, e, na falta deste, por um dos outros diretores. Os membros, não respondem, subsidiariamente, pelas obrigações sociais.

Art. 9º - Tem força de lei os regulamentos, ordens, avisos e comunicações emanados pelo Grande Conselho, e os casos omissos nestes Estatutos serão regidos pelas leis e praxes em vigor no país.

Art. 10º - A Frente Negra Brasileira somente se extinguirá pela vontade unânime do Grande Conselho e da maioria do Conselho Auxiliar e de todos os sócios reunidos na Assembléia Geral Especial, convocada pelo Presidente Geral em harmonia com o Grande Conselho. Se, por acaso, for extinta, seus bens passarão para uma sociedade beneficente de gente negra, que se mostrar digna da doação.

Estes Estatutos são irreformáveis nos artigos 1º, 2º, 6º e 7º, a não ser por vontade unânime dos Conselheiros.”

HINO DA FRENTE NEGRA BRASILEIRA

CANTO DA GENTE NEGRA

Salve! Salve! Hora gloriosa em que aponta no país,

Esta aurora luminosa que fará a pátria feliz.

Os herdeiros dos Lauréis, do trabalho, a ciência, a guerra,

Surgem nobres e fiéis pelo amor da Pátria Terra.

Gente Negra, Gente Forte, ergue a frente varonil.

És a impávida coorte - Honra e glória do Brasil.
São do sangue escravo herdeiros, de Tupis e de Africanos,
Que confiantes brasileiros bradam soberbos e ufanos.

Cesse a voz dos preconceitos! Caia a bastilha feroz,
Que o valor dos nossos feitos ruge altivo dentro em nós.
Nossa cor é o estandarte que entusiasma Norte e Sul;
Une a todos para o marte sob o cruzeiro azul.

Ouve – os clarins dos PALMARES vêm falar da pátria nova!
Ressoa o clangor nos ares chamando os bravos à prova!
Seja o toque da alvorada que diga a todos – “Reunir”,
E a Nação alvoroçada, corra à voz de ressurgir.

CANTO DA CRIANÇA FRENTENEGRINA

Criança frentenegrina,
Quero meus pais imitar.
É ordem que recebi:
Aprender e trabalhar.

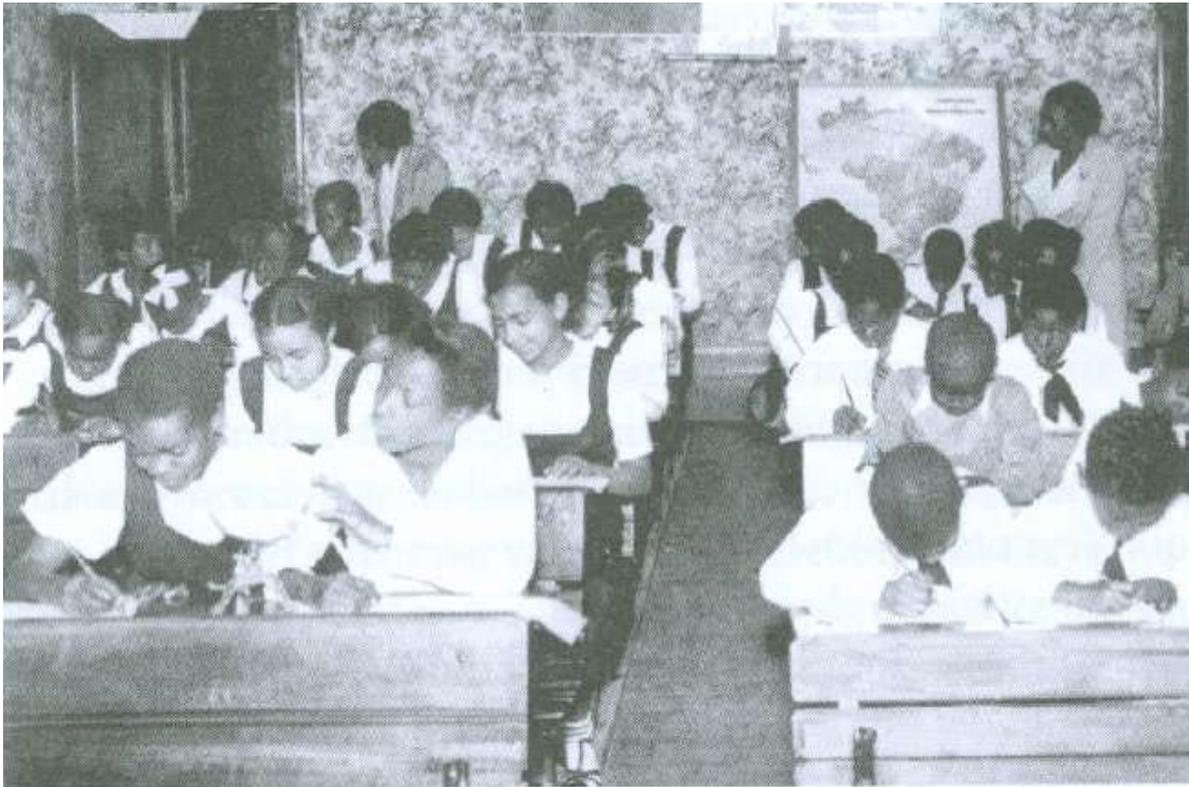
Quem recua, trai a Raça:
Quem duvida é Judas vil.
Eu aceito a Disciplina,
Pela glória do Brasil.

Trabalho por minha Pátria,
Progrido por minha Gente.
Criança frentenegrina
Sempre avança para a frente.

Posso o que podem os outros,
O que sabem também sei;
Numa coisa eu venço a todos
No Trabalho o negro é rei!

Menino Negro! Esta Pátria,
Desde o Prata até o Pare
Chama por ti esperançosa:
Que esperar, Negro? Vem já!

Ouve, Negrinho valente!
O Brasil grita por ti
E o grito da Pátria ansiosa
Vem do peito de Zumbi!



Escola da Frente Negra com as duas professoras ao fundo (a da esquerda é a professora Gersen).

Figura 15. Escola da Frente Negra em São Paulo. Fonte: BARBOSA, Márcio. Frente Negra Brasileira: depoimentos. São Paulo, Quilombhoje, 1998, p.43.



Visita das crianças da escola fretenegrina ao Museu do Ipiranga.

Figura 16. Alunos, professores e membros da Frente Negra em São Paulo. Fonte: BARBOSA, Márcio. Frente Negra Brasileira: depoimentos. São Paulo, Quilombhoje, 1998, p. 43.



Figura 10. Capa da primeira edição do jornal *A Voz da Raça*. Fonte: *A Voz da Raça*, São Paulo, 18 de março de 1933, Ano 1, n.1, p.1.



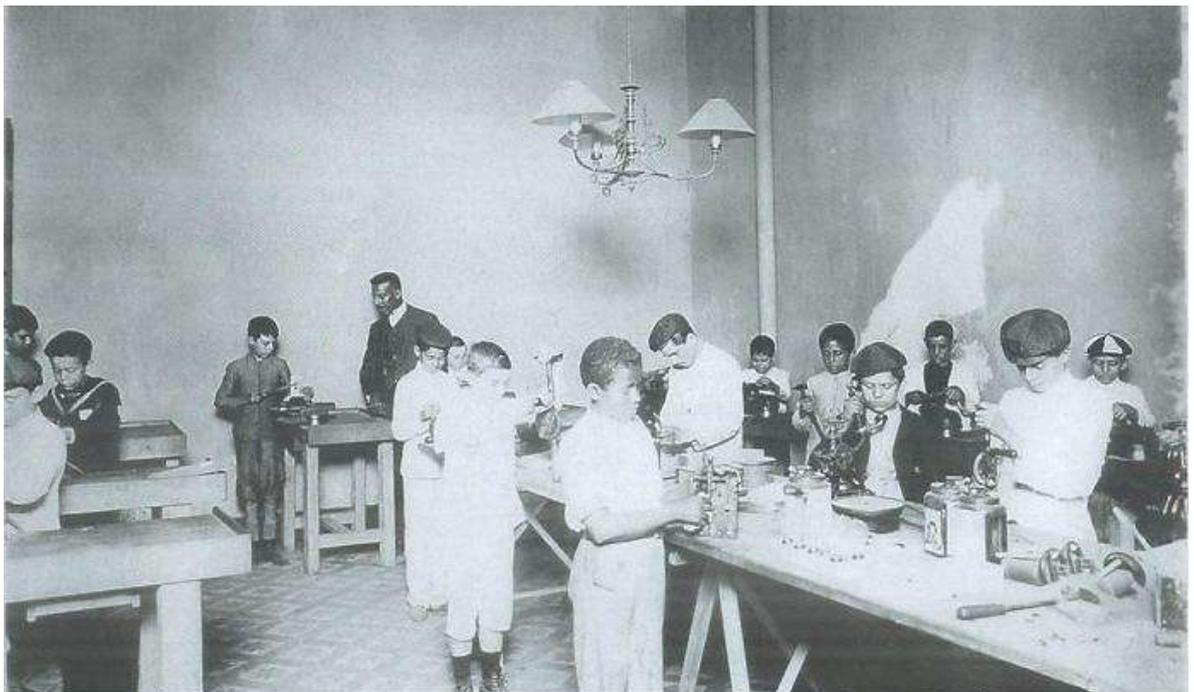
Artur de Sá, 1º presidente da Frente Negra Brasileira



diretora, vice-diretora e professoras da Escola Meneses Vieira, RJ (30.11.1911)



Professora da Escola José Pedro Varela, em sala de aula, Rio (1923)



Alunos do Instituto profissional Souza Aguiar, RJ (1908). Alunos são observados pelo diretor negro



Alunos e professores da 3 série da Escola Rodrigues Alves, RJ (1914)



Alunas na aula de culinária. Escola Rivadávia Corrêa, RJ (1922)



Diretores e alunos do Instituto Profissional Souza Aguiar, RJ, 31.07.1908

Bibliografia

Abolição da escravatura no Brasil. Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/abolicao-da-escravatura-no-brasil/abolicao-da-escravatura-no-brasil-1.php>. Acesso em: 17/11/2010

Cidadania e educação nos projetos de inserção do negro na sociedade brasileira.

Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt21/p216.pdf>. Acesso em: 14/11/2010

DOMINGUES, Petrônio. Um "templo de luz": Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. Revista Brasileira de Educação, Vol. 13, N. 39, setembro-dezembro, 2008

História do Brasil. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil>. Acesso em 17/11/2010

Legislação. Disponível em: http://www.usp.br/niephe/bancos/legis_detalle.asp?blg_id=205.

Acesso em 19/11/2010

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORI, Mary. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, Arlete dos Santos. Mulheres negras e educadoras: de amas-de-leite a professoras. Dissertação de mestrado apresentado a Universidade de São Paulo.

OLIVEIRA, Laiana Lannes de. "A Frente Negra Brasileira: Política e Questão Racial nos anos 1930". Tese de Mestrado apresentado a Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2002